

TENDÊNCIAS MIDIÁTICAS E ATRAVESSAMENTOS DE RAÇA E GÊNERO: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS NO BIG BROTHER BRASIL 24

Marília Gabriela Gomes Fechio¹
Adriano Batista Rodrigues²

RESUMO

Este artigo propõe uma análise da representação e repercussão de corpos negros no *reality show* Big Brother Brasil 24, abordando intersecções de raça, gênero e tendências midiáticas. A proposta é levantar a questão: incluir pessoas pretas na mídia é uma questão de visibilidade, representatividade ou cotas? Utilizando uma abordagem multidisciplinar, a análise foca na presença e no impacto psicossocial de personagens negros, nos padrões de representação e na influência das redes sociais, como a plataforma X (Twitter). O *corpus* empírico, traz a popularidade de Davi Brito em voga, abrindo margem para reações polarizadas e pautas sociais emergentes, conectando as diferenças de gênero e destacando a invisibilidade das mulheres negras. A conclusão reflete sobre como os estereótipos midiáticos afetam a percepção e a identidade de pessoas negras, propondo o empoderamento através da produção de mídia independente e alternativa. O artigo fundamenta-se em teóricos como Stuart Hall, Grada Kilomba, Bell Hooks, Douglas Kellner e Ecléa Bosi, e visa sugerir intervenções para uma representação mais justa e inclusiva, contribuindo para uma sociedade igualitária.

PALAVRAS-CHAVE: Tendências midiáticas, representação negra, raça, gênero e Big Brother Brasil.

¹ Mestranda em Comunicação e Práticas do Consumo pelo PPGCOM-ESPM, Pesquisadora do grupo CNPq Juvenália, bolsista Prosup-CAPEs, E-mail: mariliaggof@gmail.com.

² Doutorando em Comunicação e Práticas do Consumo pelo PPGCOM-ESPM, membro dos grupos de Pesquisa Juvenália (ESPM) e Influcom (USP) e bolsista CAPES Integral, Professor nos cursos de Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Jornalismo e Rádio, TV e Internet na Faculdade Cásper Líbero, E-mail: abrodrigues@casperlibero.edu.br

INTRODUÇÃO

Tal abordagem abre caminho para adentrarmos nas lógicas capitais do que chamaremos de vitrines midiáticas. A reflexão se centra na origem desse dinamismo que permite a certos grupos possuir mais poder e prestígio que outros, levando uma ampla base de consumidores a aspirar ser, pertencer e usufruir de imagens midiáticas previamente estabelecidas como padrões, desde suas formas mais básicas até manifestações no cotidiano. Questionando a condução por parte de grupos dominantes diante da representatividade, os estudos tem como objetivo abordar a sintomática que rege a apresentação dos corpos negros na mídia, trazendo à tona os padrões de hegemonia branca enquanto ferramentas sistêmicas de exploração visual, integradas às estratégias comerciais de visibilidade e ao capitalismo contemporâneo. Conforme Benjamin (1963), esses aspectos – que podem ser associados às vitrines midiáticas – oferecem uma lente crítica essencial para compreender as conexões complexas, a exemplo da reprodutibilidade técnica da arte, especialmente através da fotografia e dos produtos de entretenimento como o cinema, televisão e etc, sendo capazes de transformar profundamente a experiência estética e, conseqüentemente, a percepção do mundo de quem os consome.

A relação entre consumo, raça e gênero se tornará evidente, no entanto, é precisamente por meio do processo de representação na mídia que se articula a compreensão do que é considerado belo, estético e aceitável, sempre a partir de um contexto dinâmico e como consequência no reflexo social. Nesse sentido, há uma série de fatores condicionantes que moldam a abordagem dos estudos culturais (Kellner, 2001), como a inserção do feminismo e a consideração da questão racial (HALL, 2003, p. 202-210), os quais fornecem elementos para identificar uma unidade dentro dos processos de inclusão e corpus diverso. Ou seja, ao analisar as representações de pessoas negras, podemos partir do pressuposto de que todos esses apontamentos associados em determinada instância, reforçam e sustentam estruturas racistas, as quais mantêm padrões hegemônicos de branquitude.

para se obter uma idéia dos diferentes discursos teóricos em que os estudos culturais se apoiaram, seria necessário referir [...] às tradições de análise textual (visual e verbal), à crítica literária, à história da arte e aos estudos de gênero, à história social, bem como à lingüística e às teorias da linguagem, na área das humanidades. Nas ciências sociais, os aspectos mais interacionistas e culturalistas da sociologia tradicional, aos estudos dos desvios e à antropologia, à teoria crítica (por exemplo, à semiótica francesa e aos teóricos pós-estruturalistas; Foucault; a ‘Escola de Frankfurt’; aos autores e autoras feministas e à psicanálise); aos estudos do cinema, da mídia e das comunicações, aos estudos da cultura popular. Também foram importantes as formas não-reducionistas do marxismo (especialmente as ligadas à obra de Antonio Gramsci e à escola estruturalista francesa, liderada por Althusser), a preocupação com questões de poder, ideologia e hegemonia cultural (HALL, 1997a, p. 31).

Considerando as questões étnico-raciais e a indagação acerca do racismo implícito naquilo que é considerado “inclusão e visibilidade”, o presente trabalho nos leva a analisar as figuras midiáticas provenientes do *reality show* Big Brother Brasil 24 e seus impactos representativos dentro da repercussão social até as mídias sociais.

A MÍDIA E AS NARRATIVAS NEGRAS

Contextualizando, o Big Brother Brasil (BBB), é um programa de televisão transmitido pela Rede Globo desde 2002. Completando neste ano sua vigésima quarta edição, o mesmo se baseia na convivência social de um grupo pré-selecionado, cujas interações são monitoradas ininterruptamente durante três meses. A experiência configura-se como uma competição, na qual o vencedor definido por júri popular leva para casa uma quantia significativa em dinheiro, tornando-se, assim, um novo milionário. Até 2019, o formato era composto exclusivamente por participantes comuns que cercearam o imagético social de superação, sem notoriedade, repletos de narrativas emocionais, ficando expostos apenas à adesão do público e sorte no jogo. Já em 2020, a

formatação foi alterada passando a incluir personalidades famosas. Apesar de anteriormente existir forte repercussão nas mídias digitais, aqui trazendo recorte para a plataforma X (Twitter)³, foi à partir da inclusão de personas midiáticas que a estratégia online efervesceu como mecanismo de impulsionamento às narrativas e agência de favoritismo, deixando evidente as problemáticas em torno das questões de raça, gênero e classe que emergem das experiências sociais apresentadas no programa, refletindo nas práticas cotidianas dos brasileiros e brasileiras.

Com a ascensão da estratégia focada inteiramente na internet e nas redes sociais, a trajetória dos personagens criados tornou-se um tópico de discussão em nível nacional, trazendo novas propostas, figuras públicas e configurações narrativas. Considerando a conexão com o conceito de cultura, é amplamente viável afirmar que as vitrines midiáticas, seja por meio da televisão ou das redes sociais, são vistas como espaços de encontro entre pessoas que compartilham crenças e costumes semelhantes. Além disso, tais meios servem como termômetro e ambiente propício à formação de padrões universais relacionados a um tópico ou sujeito específico.

A comunicação, neste contexto, transcende as fronteiras disciplinares entre a mídia e cultura, revelando-se como um fenômeno social que reflete e molda as estruturas de poder da sociedade. As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa além de perpetuar estereótipos e práticas sociais vigentes, contribuem para sua legitimação. Essa perspectiva, ao destacar as complexas inter-relações entre produção, mensagem e recepção, evidencia a dimensão social e cultural da comunicação.

Entretanto, no contexto do universo digital, é sabido que há uma influência significativa dos algoritmos (Bertocchi e Saad Corrêa, 2012). Por meio dos mesmos, ocorre a comunicação direcionada, entregue àqueles que se identificam com determinado tema ou conjunto de informações, seja por meio de programação computacional ou por intervenção humana. Isso resulta na transformação e manipulação do nível de recepção dessas mensagens, o que, por consequência, fortalece ainda mais os discursos entre o público de

³ Até a presente data da escrita deste artigo a rede social X (Twitter) estava online, depois da data de 30/08/2024 a rede foi desativada impossibilitando acesso à todos os usuários da mesma.

massa, sejam eles verídicos, de debate ou puramente a nível de entretenimento.

Ao analisar essa linha de raciocínio permeando a contemporaneidade de diversas formas, torna-se evidente que é praticamente impossível desvincular qualquer fenômeno relevante dos meios de comunicação e de suas consequências nas relações sociais. Sob essa perspectiva, a argumentação se sustenta pelos processos que emergem das raízes populares e, eventualmente, consolidam estereótipos.

A afirmação, que emerge do povo, mantém-se por um longo período dentro da sociedade e é denominada cultura popular. Segundo Bosi (1973) a cultura popular é resultado da identidade cultural de uma sociedade, enquanto a de massa é produzida para as massas, atendendo unicamente aos interesses sociais de consumo. Contudo, com a incessante influência da mídia, será que essas expressões não estão sendo substituídas por uma cultura do token social, na qual se maquia a “representação popular”? Haja vista que a formatação dessa cultura, oriunda de uma pré-formatação ditada por outrem ou por algoritmos, que aparenta ser popular, pode ser, na verdade, superficial é definida por estereótipos e interesses comerciais? A caracterização da produção em série, consumo amplo e acessibilidade visa atingir o maior número de audiência; entretanto, até que ponto a cultura popular consegue resistir à pressão da cultura midiática ou de massa? Sobretudo quando colocamos em voga a construção étnico-racial que visa dar voz ativa aos corpos negros?

não me cabe aqui interpretar as contradições ideológicas dos sujeitos que participaram da cena pública. Já se disse que “paradoxo” é o nome que damos à ignorância das causas mais profundas das atitudes humanas.... Explicar essas múltiplas combinações (paulistismo de tradição mais ademarismo; ou tenentismo mais paulistismo mais comunismo; ou integralismo mais getulismo mais socialismo) é tarefa reservada a nossos cientistas políticos, que já devem ter-se adestrado a estes malabarismos. O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a

marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia (Bosi, 1994, pp. 458-459).

Para sustentar essa análise, é pertinente validar a crítica a partir da repercussão no X (Twitter) sobre os participantes e suas correlações. Esse enfoque se concentra em problemas sociais construídos discursivamente e reforça a manifestação do pacto narcísico da branquitude (Bento, 2021), além de abordar a intersecção de gênero e raça (Crenshaw, 2016). Um dos pontos relevantes a termos em vista, é o fator da frequência com a quais esses aspectos são representados pelo próprio sujeito marginalizado, o que submete as narrativas aos padrões hegemônicos e patriarcais.

O objetivo é discutir os mecanismos de poder que conferem privilégios raciais à branquitude, perpetuando o racismo contra corpos negros, a partir da compreensão do conceito de raça (Hall, 2006), mesmo quando há a intenção de gerar visibilidade e uma sustentação narrativa de valor. Isso se torna perceptível a medida que através da varredura do nível de popularidade da primeira edição até a última - desde a repercussão, fandons à notícias gerais - na plataforma X (Twitter), podemos avaliar que nunca houve tamanha repercussão ou favoritismo direcionado a um corpo negro, em comparação com outras personas negras, que permaneceram relegadas ao protagonismo limitado da escolha popular. Essa dinâmica reflete uma caracterização amplamente projetada no imaginário social, que molda as representações sobre o que significa ser negro (a), branco (a), indígena, entre outros, no Brasil.

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto [...] de diferenças em termos de características físicas e corporais, etc, como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2006, p. 63).

Por ordem de narrativa, estamos entendendo “uma combinação particular de diferentes discursos, diferentes gêneros e diferentes estilos, que são articulados de modo distintivo”. (FAIRCLOUGH, 2005, p. 925). Deste modo concebemos o sujeito envolto em suas próprias lógicas, porém, abraçados por uma perspectiva datada e muitas vezes aliadas à manipulação estratégica do controle humano através dos algoritmos, por exemplo. A referência disto é a própria atualização do BBB, haja vista que sempre existiu uma lógica racial partindo do pressuposto de que a hierarquia sociorracial entre corpos negros e brancos, comercialmente falando e em termos de visibilidade, é forte e positiva a audiência. Com o tempo, a artimanha articulada na era das redes sociais, mais o crescente debate sobre diversidade e racismo, se modernizou transformando o cenário em uma dominação que tem na raça, seu maior fundamento de venda.

O fenômeno Davi Brito intercede junto ao pensamento crítico aqui sugerido uma vez que, leva-nos a uma reflexão sobre as lógicas de embranquecimento em consonância com o mito da democracia racial, associada ao poder da internet e seus debates projetados. Em primeiro plano, o mito se apoia na noção de que “todos somos mestiços” (ou racialmente iguais), o que implicaria na inexistência de discriminação racial. Logo em sequência, a cultura do embranquecimento envolvendo práticas que promovem a construção de uma identidade branca ou miscigenada, associando valores considerados superiores e civilizados. Somandas a lógica dos algoritmos - no recorte do X (Twitter), resulta na formatação de um personagem, que atendia às expectativas ideológicas do branqueamento, contribuindo para a conformação da identidade do sujeito negro (Souza, 1983) e, desse modo, cria-se uma identidade branca a qual o mesmo, socialmente falando por hierarquia racial, foi coagido a desejar. O fato se comprova a partir do momento que o participante se torna notícia, ganha notoriedade e se sobressai ao defender crenças associadas a padrões de branquitude, seja servindo um papel de subordinação, como homem em formatação e aberto a “correções” sociais ou até mesmo vítima sistêmica amparada por corpos brancos justiceiros. Ou seja, podemos afirmar, dentro de sua apresentação ao comparativo com outros corpos negros presentes no elenco, foi quem mais se aproximou do discurso concentrado nos padrões de branquitude capaz de

Universidade Católica de Brasília

ressoar na audiência, que por sua vez abraçou sua representação, gerando um favoritismo exacerbado.

Não se discute aqui a performance moral ou estratégica de Davi Brito, nem suas articulações dentro do jogo. O foco está em avaliar a repercussão e o significado gerados pela visibilidade de corpos negros, a partir da recepção da mensagem dentro do ambiente da rede social. Nesse sentido, o X (Twitter) foi um catalisador importante de dois cenários: 1) Fortaleceu o discurso de representatividade para aqueles que construíram um discurso político racial de defesa, colocando Davi no papel de superação e exemplo moral; 2) Endossou a aversão ao personagem, evidenciando como o racismo se sustenta por meio do discurso de ódio e do cancelamento em massa, transformando-o, por sua vez, no grande vilão da edição. Sobretudo, ora perseguido, ora aclamado, Davi manteve-se até o final como aquele que trouxe a máxima potência às pautas raciais. No entanto, é preciso considerar o privilégio de gênero, adicionando as diferenças sistêmicas entre homens e mulheres, ou seja, analisar o gênero em conjunto com a raça. Isso porque, em ambos os cenários, há um fator relevante: o apagamento da representatividade negra feminina presente na edição (e em todas as anteriores).

Kimberlé Crenshaw (1989) cunhou o termo "interseccionalidade" para evidenciar a complexa interação entre diversas formas de opressão e discriminação, como o racismo e o sexismo. Essa perspectiva demonstra que as experiências de indivíduos que sofrem múltiplas marginalizações, como mulheres negras, não podem ser completamente compreendidas ao se analisar isoladamente questões como gênero ou raça. A interseccionalidade oferece uma lente analítica que permite examinar como diferentes sistemas de opressão se entrecruzam, gerando experiências únicas de discriminação e desigualdade. Ao analisar a popularidade de Davi Brito em comparação com mulheres negras no elenco do Big Brother, as múltiplas facetas da interseccionalidade tornam-se evidentes. As reações negativas e opressoras em relação a personagens da trama, com a participante Leidy Elin (sua antagonista) mostraram como diferentes marcadores sociais (raça, gênero, classe) se combinam para reforçar estereótipos e desigualdades.

Embora ambos os participantes sejam provenientes de contextos sociais vulneráveis e tenham histórias de superação, os debates nas redes sociais

Universidade Católica de Brasília

polarizaram a imagem de Davi Brito, enquanto Leidy Elin foi estereotipada e subjugada de forma avassaladora tendo os mesmos comportamentos e dualidade emocional. Essa disparidade revela a complexidade da interseccionalidade, que molda as percepções e os tratamentos dispensados a indivíduos com base na percepção enraizada no imaginário social do que se espera de um corpo não branco. Em "E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo", bell hooks (2020) realiza uma profunda análise crítica das interseções entre raça, gênero e classe, evidenciando a posição marginalizada das mulheres negras na sociedade. O objetivo é demonstrar como a estrutura social tradicional, hierarquizada e patriarcal, coloca homens brancos no topo e mulheres negras na base, enquanto questiona o papel ambíguo de mulheres brancas e homens negros nesse sistema opressor.

Dar-se a ver, neste caso do favoritismo de Davi Brito, uma relação direta com a política do embranquecimento, que idealiza o corpo masculino em detrimento do feminino, tendo por base os "estereótipos criados sobre os homens negros, decorrentes do contexto sociocultural e que retroalimentam o imaginário social atualmente" (OSÓRIO, 2021, p. 46). Davi dentro das vitrines midiáticas era um rapaz simples de 22 anos, que precisou se superar, sustentando o sonho genuíno de se formar em medicina. Tudo aquilo que sobressaia em sua imagem com algo negativo, dentro do jogo, existia por trás a passabilidade do gênero, ainda que de modo efêmero. Em contrapartida, Leidy Elin não contemplava do mesmo nível de vantagem, de sua performance era esperado um posicionamento menos animalesco, mais amável com seus pares e sem dar o direito de convivência, a colocando muitas vezes como puramente degrau de personagens brancos e sendo excluída do programa com um índice alto de rejeição. Durante o programa, enquanto Davi crescia consideravelmente em seus meios digitais e estava positivamente entre os Top Trends do X, Leidy Elin a cada passo em falso era julgada e penalizada com uma tentativa de inviabilidade latente, ajudando inclusive a aumentar a popularidade de seu adversário.

Eis aqui o disparador das conjunturas de visibilidade propostas como argumento, uma vez que o contexto comercial das vitrines midiáticas, os padrões de branquitude e o racismo se encontram interligados em um mesmo fio, refletindo as dinâmicas de poder e as estruturas sociais. Abordar essas

questões no presente exige um ensaio crítico das práticas midiáticas sob a ótica da livre demanda comunicacional que plataformas como o X (Twitter) possibilitam. Uma vez que a audiência tem liberdade de moldar suas opiniões e disseminar qualquer tipo de informação em prol de pautas e crenças, com o auxílio dos algoritmos, até que ponto isso contribui positiva ou negativamente para o valor identitário de personas negras na mídia? O que antes era estrutural, na era contemporânea tornou-se transversal, online é mandatório, demandando a avaliação da promoção obrigatória da diversidade em programas como o Big Brother Brasil. Em síntese, a relação entre esses conceitos é complexa e multifacetada, refletindo não apenas a evolução temporal dessas dinâmicas, bem como nas persistentes lutas por igualdade e justiça na sociedade atual.

Ao analisar a temporalidade do racismo cotidiano presente em discursos nas redes sociais, em especial aqueles que se manifestam após programas como o BBB, surge a reflexão sobre a necessidade de novas perspectivas que promovam a representatividade e a inclusão. Grada Kilomba (2021) nos alerta para a persistência do racismo como uma ferida aberta, ligando-o à herança colonial e à negação do trauma histórico. A partir dessa perspectiva, questionamos as narrativas que reproduzem estereótipos e reforçam hierarquias raciais, perpetuando a figura do corpo negro como "Outro". A centralidade dessa discussão reside na necessidade de desconstruir essas representações e promover uma verdadeira inclusão, desafiando as dicotomias maniqueístas entre "bom" e "mau", "resistência" e "opressão".

INTERSECÇÃO SOCIAL X MÍDIA DIGITAL

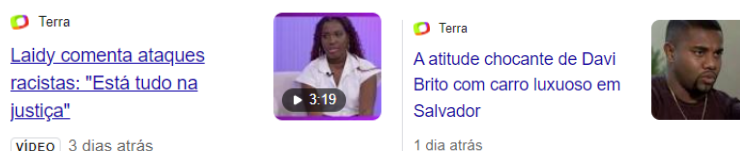
É interessante indagar o papel da internet em toda essa construção das narrativas negras e como transformá-la em ferramenta anti racista. Martino (apud Lévy, p. 30) argumenta que o "virtual" é frequentemente contraposto ao "real", sendo relegado a um espaço imaginário e não existencial. No entanto, tanto Lévy quanto Martino defendem que o virtual é parte integrante do real, pois sua existência se concretiza no momento em que se torna visível ao ser acessado. Logo, o virtual é real, embora não possua materialidade física.

Compreendido o conceito de virtual, passemos à análise das características da mídia digital, que se intercala com nossas dinâmicas de

Universidade Católica de Brasília

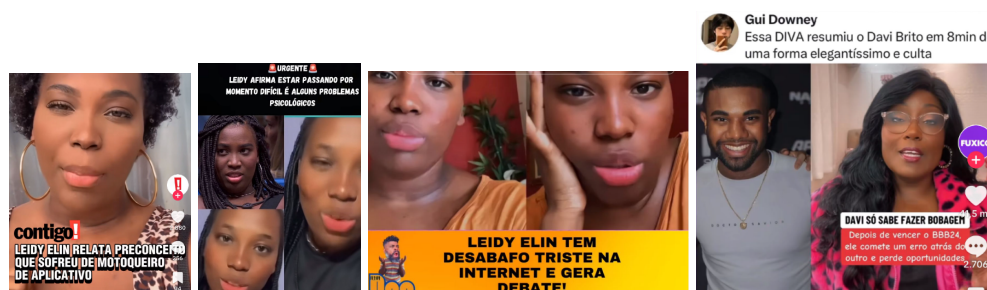
rotina, aqui o critério da “roleta interseccional” (Carreira, 2021) como instrumental de leitura acerca das avenidas identitárias e das assimetrias de poder presentes nas mídias contribuem assertivamente. Transmutando para o cenário do *reality show*, a partir do momento que as figuras saem do olhar vigilante do espectador, é valoroso rastrear a repercussão no pós e como isso define o *modus operandi* social. Olhando para o recorte da raça, ambas as personalidades - e mais de 70% do elenco negro da edição de 2024 - tiveram um pós construtivo a ponto de definir como reflexo de valor. Já ao olharmos pelo viés do gênero, considerando toda a mídia oriunda de discussões e debates proveniente das redes sociais, é perceptível a proximidade com a realidade que sustenta hierarquicamente homens e mulheres negras. Davi logo perdeu a vez pro personagem e se envolveu em diversas polêmicas, desde a quebra do idealismo de homem de família construindo um sonho, até os gastos exacerbados do prêmio de 1 milhão de reais. Elin por sua vez, teve um pós à imagem e semelhança da pirâmide social que caracteriza a mulher negra como base. Sempre associada a uma imagem de escassez, sofrimento e relegada às suas atitudes negativas do programa que até o presente momento a fazem sofrer com ataques de ódio, racismo e violência sistêmica.

Figura 01



Fonte: Google (último acesso em 01/09/2024)

Figura 02



Fonte: Tiktok (último acesso em 01/09/2024)

Figura 03



Metrópoles

Polêmicas e arma de fogo: Globo decide dispensar Davi Brito

Davi Brito revela como tem gastado o prêmio milionário do BBB 24. O único trabalho firmado para Davi foi com o Esportes da Sorte, no entanto,...

1 mês atrás

Fonte: Google (último acesso em 01/09/2024)

Ao realizar a análise investigativa considerando todas as notícias proveniente das redes sociais, a partir de debater dentro do X (Twitter), é possível relacioná-las à uma interpretação crítica de como a representatividade de pessoas negras é um caminho sinuoso e requer atenção redobrada. Tal exame permite destacar o papel da comunicação midiática na construção de identidades individuais e coletivas, além de sua influência na cultura contemporânea. As características comumente atribuídas a personagens negras associadas aos seus estereótipos, questiona, a partir daí, os potenciais desafios ou contrapontos aos papéis pré-definidos para mulheres e homens negras por meio de suas narrativas. Há a intenção de apresentar contrapontos que discutam o valor e a representatividade destes corpos na sociedade, contribuindo para um entendimento mais amplo sobre os processos de construção identitária e a urgência de ações antirracistas para as novas gerações.

bell hooks (1989) tem uma definição marcante de escrita política ao afirmar que o sujeito é aquele que "tem o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas identidades, nomear suas histórias" (hooks, 1989, p.42). Essa afirmação é contundente ao destacar a importância de que as pessoas tenham autonomia para narrar suas próprias vidas, em contraposição à imposição de narrativas externas. As asserções se encaixam perfeitamente quando elaboramos toda a construção trajetória associada ao Big Brother Brasil, tendo em vista que se torna uma oportunidade de mudança sobre as próprias lógicas raciais impostas. Ainda segundo hooks, quando a história é "designada somente de maneira que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos", somos reduzidos à condição de objeto (hooks, 1989, p.42). A pergunta que fica é: quem são os sujeitos e os objetos nas "vitrines midiáticas"

contemporâneas? Quem define as entrelinhas que moldam a imagem de uma pessoa real?

Essa conexão nos permite conceituar como tais cenários contribuíram para a ascensão das classes emergentes e para a necessidade de se contrapor às narrativas coloniais, tanto nos produtos de massa quanto nas mídias sociais. Sob a perspectiva dos avanços culturais, é evidente que o desenvolvimento social contemporâneo está intrinsecamente ligado à produção e ao consumo de mídia. As redes sociais, em particular, não apenas refletem as mudanças socioeconômicas, mas também as influenciam e as moldam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão da busca por representatividade tem como consequência a desestabilização das identidades fixas e imutáveis. Nesse contexto, a mídia assume um papel central na construção identitária, expondo os indivíduos a uma multiplicidade de referências e perspectivas. Ao se submeterem a essa constante influência, os sujeitos passam a construir suas identidades de forma mais fluida e adaptável às demandas da sociedade contemporânea.

Ese cambio apunta especialmente a la multiplicación de referentes desde los que el sujeto se identifica como tal, pues el descentramiento no lo es sólo de la sociedad sino de los individuos, que ahora viven una integración parcial y precaria de las múltiples dimensiones que los conforman. El individuo ya no es indivisible, y cualquier unidad que se postule tiene mucho de 'unidad imaginada' (MARTÍN- BARBERO: 2000, s/p).

A construção identitária de sujeitos negros é marcada por uma ambivalência intrínseca. Ao mesmo tempo em que conquistam espaços para a autodefinição, esses sujeitos encontram resistência em estereótipos arraigados e na imposição de narrativas dominantes. A mídia, como palco para a construção de identidades, reflete essa ambivalência. Por um lado, oferece visibilidade e a possibilidade de construir novas representações, por outro, perpetua estereótipos e instrumentaliza corpos negros para atender a demandas por diversidade, sem garantir uma representação autêntica e

transformadora. Com isso, podemos defender que corpos negros são usados como meros *token* sociais em um espaço de cotas midiáticas, sem o verdadeiro valor associado.

A crítica à representação dos mesmos na mídia se concentra na perpetuação de padrões que beneficiam as classes dominantes. Narrativas moldadas por um núcleo de poder tendem a reforçar hierarquias sociais e o padrão de branquitude, limitando as possibilidades de autodefinição e empoderamento para sujeitos negros. Programas como o Big Brother Brasil exemplificam como esses padrões podem ser sutilmente incorporados à cultura popular, naturalizando desigualdades e preconceitos.

A era digital claramente ampliou as possibilidades de representação social, permitindo que grupos historicamente marginalizados, como os negros, reivindicassem seus espaços e narrativas. A visibilidade de personalidades negras que desafiam estereótipos é um passo importante na luta por equidade, sobretudo quando pensamos no recorte de gênero. Contudo, é fundamental analisar criticamente as representações produzidas, pois a construção de imagens negras ainda se encontra condicionada por um contexto histórico de opressão. A perpetuação de estereótipos e a instrumentalização de corpos negros para fins mercadológicos são desafios que precisam ser superados.

A visibilidade de corpos negros transcende a mera representação visual, constituindo-se em uma oportunidade ímpar de desafiar estereótipos arraigados, promover a equidade e impulsionar uma transformação social profunda. Ao repensarmos as dinâmicas de representação, desconstruimos narrativas excludentes e fomentamos um ambiente mais inclusivo e progressista, onde a cultura, aliada a livre demanda comunicacional, valoriza a diversidade e celebra a singularidade de cada indivíduo. Essa mudança não se limita ao âmbito social, mas também representa uma estratégia inteligente para o desenvolvimento comercial.

Ao abraçar a autenticidade e a diversidade dentro das vitrines midiáticas, é possível atender às demandas de um público cada vez mais consciente, como também fortalecer sua reputação e impulsionar a inovação. A representatividade genuína dos corpos negros é, portanto, um investimento estratégico que contribui para a construção de um futuro mais justo e equitativo para todos.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. O Pacto de Branquitude. Sueli Carneiro: Ação, Reflexão e Memória. 1ª ed. São Paulo: Pólen Livros, 2021.

BOSI, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular – Leituras de Operárias. 10ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1972.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica. 18ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2018.

CARREIRA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação - Scientific Figure on ResearchGate. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Quadro-1-Roletainterseccional-como-proposta-metodologica-para-estudos-em-Comunicacao_fig1_345681018. Acesso em: 09 de Maio, 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. California: Stanford Law Review, 43(6), 1241-1299. 1991

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade/Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro - 11, ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006
HOOKS, Bell. Anseio: Raça, Gênero e Políticas Culturais. 1ª edição. Idioma, Português; Editora Elefante, 2019.

KELLNER, DOUGLAS - Cultura da Mídia. Bauru, EDUSC, 2001

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano/ Grada Kilomba:tradução Jess Oliveira - 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

• LÉVY, P. O que é o virtual. 2a. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

MARTINO, L.M.S. Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003

WINQUES, Kérley; LONGHI, Raquel Ritter. **Dos meios às mediações (algorítmicas): mediação, recepção e consumo em plataformas digitais.** MATRIZES, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 151-172, 2022..

Media Trends and the Intersections of Race and Gender: A Study on the Representation of Black People in Big Brother Brasil 24

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the representation and repercussion of Black bodies in the reality show *Big Brother Brasil 24*, addressing intersections of race, gender, and media trends. The proposal raises the question: Is including Black people in the media a matter of visibility, representativeness, or quotas? Using a multidisciplinary approach, the analysis focuses on the presence and psychosocial impact of Black characters, representation patterns, and the influence of social networks, such as the platform X (Twitter). The empirical corpus brings to light the case of Davi Brito, opening up space for polarized reactions and emerging social issues, linking gender differences and highlighting the invisibility of Black women. The conclusion reflects on how media stereotypes affect the perception and identity of Black people, advocating empowerment through independent and alternative media production. The article is grounded in theorists such as Stuart Hall, Grada Kilomba, Bell Hooks, Douglas Kellner, and Ecléa Bosi, and aims to suggest interventions for fairer and more inclusive representation, contributing to an egalitarian society.

Keywords: Media trends. Black representation. Race. Gender. Big Brother Brasil.

Tendencias Mediáticas y los Cruces de Raza y Género: Un Estudio sobre la Representación de Personas Negras en Gran Hermano Brasil 24

RESUMEN

Este artículo propone un análisis de la representación y repercusión de cuerpos negros en el reality show *Big Brother Brasil 24*, abordando intersecciones de raza, género y tendencias mediáticas. La propuesta plantea la cuestión: ¿incluir a personas negras en los medios es una cuestión de visibilidad, representatividad o cuotas? Utilizando un enfoque multidisciplinario, el análisis se centra en la presencia y el impacto psicosocial de personajes negros, los patrones de representación y la influencia de las redes sociales, como la plataforma X (Twitter). El corpus empírico pone de relieve el caso de Davi Brito, abriendo espacio para reacciones polarizadas y temas sociales emergentes, vinculando las diferencias de género y destacando la invisibilidad de las mujeres negras. La conclusión reflexiona sobre cómo los

Universidade Católica de Brasília

estereotipos mediáticos afectan la percepción y la identidad de las personas negras, proponiendo el empoderamiento a través de la producción de medios independientes y alternativos. El artículo se fundamenta en teóricos como Stuart Hall, Grada Kilomba, Bell Hooks, Douglas Kellner y Ecléa Bosi, y busca sugerir intervenciones para una representación más justa e inclusiva, contribuyendo a una sociedad igualitaria..

Palabras clave: Tendencias mediáticas. Representación negra. Raza. Género. Gran Hermano Brasil.